

Nota introdutória

Os sentidos e os contextos da(s) crise(s)

**Madalena Oliveira, Helena Machado, João
Sarmiento e Maria do Carmo Ribeiro**

Presidência do Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho

O conceito de crise é particularmente caro às Ciências Sociais. E é-o não apenas no domínio da ciência económica ou política, mas também da Sociologia, da História, da Antropologia, da Educação, da Geografia e da Comunicação. Se no campo da saúde, ela é entendida como uma perturbação momentânea, uma circunstância de anormalidade que afeta o funcionamento regular de um organismo, no campo social, para onde se transporta com o mesmo sentido, a crise também diz respeito a uma certa ideia de interrupção, de descontinuidade, de alteração – por vezes, abrupta – das condições de vida. A metáfora da crise, explica R. J. Holton, terá sido transposta para a reflexão sobre a sociedade como uma forma de perspetivar “as perceções de patologia social, de colapso social e de desorganização” (Holton, 1987, p. 504). É para o corpo social um fenómeno equivalente ao que fragiliza o corpo físico quando confrontado com a ameaça da enfermidade.

Na sua vocação compreensiva, as Ciências Sociais têm colocado a noção de crise em perspetiva em quase todas as dimensões da vida. Ao procurarem explicar as dinâmicas sociais como processos sujeitos à mudança e à transformação, estas ciências têm desenvolvido a ideia de que as crises são, não apenas momentos de disrupção dos valores instituídos, mas também pontos de viragem histórica e civilizacional. A retórica da crise, que entra no campo das Ciências Sociais pelo prisma da Economia e pelos efeitos da quebra das lógicas de produção, comercialização e consumo, assim como pela identificação de episódios de instabilidade política e de conflitos, domina todo o discurso sobre a modernidade. As definições comuns identificam o conceito de crise como sinónimo de impasse, de perturbação, como contexto de perigo ou tensão, como fase de rutura em relação a hábitos ou crenças, ou ainda como carência ou escassez. Em todas estas declinações, a abordagem da crise oferece-se ao cientista social como um problema e como um desafio.

Num ensaio publicado em 1976 na revista *Communications*, Edgar Morin sugeria que “a noção de crise se propagou no século XX por todos os horizontes da consciência contemporânea” (Morin, 1976, p. 149). Constatava então que não havia “domínio ou problema que não estivesse assombrado pela ideia de crise: o capitalismo, a sociedade, a família, os valores, a juventude, a ciência, o direito, a civilização, a humanidade” (Morin, 1976, p. 149). Pela ciência ou pelos média, a perspetiva da crise estende-se hoje à notícia da crise ambiental, da crise dos refugiados, da crise dos sistemas de informação, da crise de confiança, da crise da cultura e do pensamento. A perceção de que toda a experiência humana está sujeita à prova da crise tem no entendimento de que as próprias Ciências Sociais (e as Humanidades) são um ramo de conhecimento que também se descobre em situação crítica, por insuficiente reconhecimento público e dificuldades de financiamento.

O debate sobre a crise (ou as crises) é, portanto, um debate atual que reclama da ciência um exercício permanente de reflexão. Cientes de que o que comanda o progresso é também o que instaura paradoxalmente novas precariedades, os cientistas sociais assumem hoje a responsabilidade de analisar os fatores que desencadeiam as crises, de avaliar os seus efeitos e de propor estratégias de governabilidade que, não resolvendo em definitivo a “origem da ameaça”, recomendam a sua incorporação

como parte do processo de desenvolvimento. A problematização da crise não é um fim em si mesmo; é, antes a assunção necessária do imperativo de deslocação para diante. É por isso que as Ciências Sociais são, não apenas ciências úteis, mas também ciências emancipatórias e transformistas.

Com esta convicção, reunimos neste volume um conjunto de leituras que apresentam a experiência da crise como uma experiência transversal. É esse o ponto de originalidade desta obra, que reúne contributos de vários membros da comunidade do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. O tema da crise tem sido apresentado na produção científica em abordagens específicas da economia, da política, do jornalismo, da educação, da cultura. Neste livro, porém, juntamos a perspectiva de diferentes disciplinas, assumindo a multiplicidade do próprio conceito de crise.

Num registo breve, cada capítulo é um convite à reflexão da diversidade de experiências e problemáticas sociais da crise. Assumida em título como uma noção plural, a noção de crise(s) é aqui encarada ora como fatalidade ora como oportunidade. Todos os capítulos se afinam pela mesma nota: a de que a crise é central à análise crítica das sociedades. Os 22 ensaios que compõem este volume situam esta problemática em contextos vários: na perspectiva histórica da saúde, na demografia, na economia, na comunicação, nas instituições, no ambiente, na tecnologia, na cultura, nas migrações, nos territórios, na educação e na ciência.

Como todas as obras coletivas, *Sociedade e crise(s)* não esconde a heterogeneidade de estilos. E pelo momento que a Humanidade atravessa neste ano de 2020, também não é indiferente à crise sanitária provocada pela COVID-19. A pandemia não era propriamente o pretexto de partida para esta coletânea. No entanto, em quase todos os textos a referência à experiência extraordinária da situação epidemiológica tornou-se inevitável. Porque nela se acentuou o sintoma de todas as outras crises a cujos efeitos não escaparão as próximas gerações. Assinalando o 44º aniversário do Instituto de Ciências Sociais, a edição deste livro tem também um propósito celebrativo e de partilha do que somos enquanto comunidade científica. Que o leitor encontre nestas páginas razão bastante para um saber inquieto que nada tem de conformista.

Referências

Holton, R.J. (1987). The idea of crisis in modern society. *The British Journal of Sociology*, 38(4), 502-520. <http://www.doi.org/10.2307/590914>

Morin, E. (1976). Pour une crisologie. *Communications*, 25, 149-163. https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1976_num_25_1_1388